

Excursão na Teologia Natural (Parte 26): O Argumento Ontológico 4/4

Seção 04 / Aula 26

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 31/10/2024, 17:33:13 (horário de São Paulo)

Aula original: 2016-05-18

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 04](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

Considerações a posteriori

Para a lição de hoje, queremos tentar concluir nossa discussão sobre o argumento ontológico para a existência de Deus. Vimos que a premissa crucial neste argumento é a primeira – que é possível que Deus (ou um ser maximamente grande) exista. Se é possível que um ser maximamente grande exista, então segue-se que um ser maximamente grande (ou Deus) de fato existe. Então a premissa chave é a primeira – qual a garantia ou justificação para pensar que é possível que Deus exista? Nós examinamos argumentos a priori, ou evidências ou fundamentos, para essa primeira premissa. Como eu disse, a palavra a priori (se não faz parte do seu vocabulário, você pode se lembrar do que ela significa pela palavra "priori" dentro dela) significa anterior à experiência.

Isso não é baseado em estudos empíricos do mundo. Não é baseado em sua experiência através dos sentidos. Isso é anterior à experiência. Vimos que, quando refletimos sobre a ideia de um ser que possui onipotência, onisciência e perfeição moral em todos os mundos possíveis, isso parece ser uma ideia coerente. Parece ser perfeitamente coerente, e isso dá uma boa razão para pensar que é possível que tal ser exista. E então examinamos as objeções a essas considerações a priori e as consideramos inconclusivas. Mas isso não é o fim da história, pois, embora o argumento ontológico seja geralmente apresentado como o exemplo clássico de um argumento a priori, Plantinga sugere que pode haver na verdade algumas considerações a posteriori que sustentariam essa premissa chave.

E você pode se lembrar do que isso significa ao ver a palavra "posterior" nessa frase latina. Essas são expressões latinas. Nela, você vê a palavra "posterior". Isso denota posterior à experiência ou baseado na experiência. Existem certos conhecimentos experienciais que temos que podem nos levar a pensar que essa premissa chave é verdadeira. Então, por exemplo, Plantinga diz que, se "ponderarmos cuidadosamente" a premissa chave e as supostas objeções a ela, e se "considerarmos suas conexões com outras proposições que aceitamos ou rejeitamos e ainda assim a acharmos convincente, temos o direito de aceitar" essa premissa. E então pode haver algumas considerações a posteriori que reforçariam essas intuições a priori que temos sobre a veracidade da premissa.

Quais poderiam ser essas considerações? Parece-me que os outros argumentos da teologia natural para a existência de Deus podem nos fazer pensar que é possível que tal ser exista. Por exemplo, o argumento de Leibniz sobre a contingência, certas versões do argumento moral para a existência de Deus, e um chamado argumento conceitualista para a existência de Deus

poderiam nos levar a pensar que é plausível que a grandeza máxima seja possivelmente exemplificada.

Contingência e argumento moral

Por exemplo, lembre-se do argumento Leibniziano da contingência que já discutimos. Ele segue assim: 1. Tudo o que existe tem uma explicação para sua existência. E essa explicação pode ser uma necessidade de sua própria natureza (nesse caso, é um ser metafisicamente necessário) ou em alguma causa externa. 2. Se o universo tem uma explicação para sua existência, essa explicação é Deus. 3. O universo é uma coisa existente. A partir dessas três premissas, segue-se logicamente que: 4. Portanto, a explicação para a existência do universo é Deus, que é um ser que existe por necessidade de sua própria natureza. Agora, qualquer ser que exista por necessidade de sua própria natureza será um ser metafisicamente necessário.

Então, o argumento de Leibniz nos dá bons motivos para pensar que há um ser metafisicamente necessário do qual todas as outras coisas dependem para sua existência. Portanto, não há limites ao poder desse ser. Não há limites não-lógicos ao poder desse ser metafisicamente necessário, porque tudo o que existe depende dele para sua existência. Ou considere o argumento moral para a existência de Deus. Novamente, já discutimos o argumento moral. Ele pode ser resumido assim: 1. Se Deus não existe, então valores e deveres morais objetivos não existem. Se não há Deus, então não há um padrão absoluto de certo e errado, de bem e mal. Tudo se torna relativo.

Então, se Deus não existe, valores morais objetivos não existem. 2: Valores e deveres morais objetivos existem. Certas coisas são realmente certas ou realmente erradas. Certas coisas são realmente boas ou realmente más. 3. Portanto, Deus existe. Agora, não estou interessado em rediscutir o argumento moral agora. Já fizemos isso. Mas o que quero destacar é que, se os valores e deveres morais dependem dessa forma da existência de Deus, então, como certos princípios morais são necessariamente verdadeiros, segue-se que o Deus que os fundamenta deve ser um ser metafisicamente necessário. Ou seja, um ser que existe em todos os mundos possíveis. Por exemplo, um filósofo naturalista da ciência, Michael Ruse, escreveu: "O homem que diz que é moralmente aceitável estuprar crianças pequenas está tão errado quanto o homem que diz que $2+2=5$." Aqui, Ruse equipara a verdade desses princípios morais às verdades elementares da aritmética, como $2+2=4$.

Essas são verdades necessárias. Essas são verdades lógicas. Portanto, esses princípios morais, para serem fundamentados em Deus, exigem que Deus seja um ser metafisicamente necessário que exemplifique necessariamente esses valores morais. Portanto, o argumento moral também leva à existência de um ser metafisicamente necessário que não é apenas perfeitamente bom, mas que é o padrão real de bondade, que é o paradigma de bondade de onde todo valor moral deriva.

O argumento conceitualista

Terceiro, além disso, algumas pessoas podem ser persuadidas por um tipo de argumento conceitualista para a existência de Deus, como o melhor fundamento para objetos abstratos, como objetos matemáticos, como números, conjuntos, funções e formas geométricas. Um argumento poderia seguir as seguintes linhas: 1. Objetos abstratos, como números e outros objetos matemáticos, são realidades existentes independentemente, isto é, o Platonismo diz que eles simplesmente existem por si mesmos, ou são conceitos em alguma mente. [Repetindo] Esta premissa envolveria uma negação do anti-realismo em relação a esses objetos, e, portanto, eu mesmo não sou convencido por esse argumento, como está apresentado, porque acho que é defensável dizer que simplesmente não existem objetos matemáticos - eles simplesmente não existem de forma alguma.

Mas, se você for um realista sobre eles, então parece que você pensaria que eles são ou objetos existentes independentemente (entidades abstratas de algum tipo) ou são conceitos em uma mente. 2. Objetos abstratos não são realidades existentes independentemente. Isso envolveria rejeitar o Platonismo sobre esses objetos abstratos. E você provavelmente faria isso com base em seu isolamento causal. Se esses objetos existem, eles não existem no espaço e no tempo, eles não têm absolutamente nenhuma influência causal sobre o mundo, e, portanto, eles são irrelevantes. Como poderíamos saber algo sobre eles, assim como eu tenho conhecimento sobre algum vilarejo distante no Nepal, no Himalaia, e por que eles seriam aplicáveis ao mundo físico?

Por que seriam tão úteis na ciência se estão isolados causalmente do mundo? Portanto, seria plausível pensar que objetos abstratos não são realidades existentes independentemente. 3. Se objetos abstratos são conceitos em alguma mente, então um ser onisciente e metafisicamente necessário existe. Se entidades matemáticas são conceitos em uma mente, eles não podem ser conceitos em uma mente humana porque há muitos deles para serem pensados por uma mente finita. Eles seriam necessários em sua existência. Se 2 e 4 existem, eles não existem apenas no mundo atual. $2+2=4$ é uma verdade necessária, e, portanto, 2 e 4 existiriam em todos os mundos possíveis. Portanto, se essas entidades matemáticas existem em uma mente como conceitos dessa mente, deve ser uma pessoa infinita, metafisicamente necessária que fundamenta esses objetos abstratos.

Assim, você chega à conclusão da existência de uma mente onisciente e metafisicamente necessária como a base de objetos abstratos.

Convergência e simplicidade

Agora veja o que esses três argumentos nos fornecem. Cada um deles nos dá um ser metafisicamente necessário — um ser que existe em todos os mundos possíveis. O argumento Leibniziano, o argumento moral, o argumento conceitualista todos resultam em um ser metafisicamente necessário. O argumento Leibniziano nos dá um ser que é a fonte de toda a realidade fora de si mesmo e, portanto, plausivelmente todo-poderoso. Não há limites não-lógicos para o seu poder. O argumento moral nos dá um ser moralmente perfeito. O argumento conceitualista nos dá um ser onisciente que fundamenta essas verdades matemáticas. Em outras palavras, aqui temos os elementos que compõem a grandeza máxima, não é?

Temos necessidade metafísica, onipotência, perfeição moral e onisciência. Portanto, esses outros argumentos da teologia natural podem fornecer suporte para a ideia de que é possível que um ser maximamente grande exista. E eu acho que aqui também entram em jogo as considerações de simplicidade. Por exemplo, é mais simples, não é, postular um ser metafisicamente necessário, infinito, onisciente, moralmente perfeito do que pensar que existem três seres separados que possuem essas propriedades, que existem três seres metafisicamente necessários, um dos quais é onisciente, um é moralmente perfeito, um é onipotente, e a fonte de toda a realidade. É mais simples dizer que todos esses argumentos levam a um único ser metafisicamente necessário que é onipotente, onisciente e moralmente perfeito.

Além disso, como Richard Swinburne apontou, parece plausível que seja mais simples ou menos ad hoc (menos forçado) dizer que uma propriedade que pode variar em graus tem zero ou infinito como valor em vez de algum valor finito arbitrariamente selecionado. Seria mais simples apenas dizer que é infinito ou zero em vez de ter um valor finito inexplicável em algum lugar no meio da medição. Portanto, seria mais plausível pensar que a grandeza máxima é possivelmente instanciada do que uma grandeza quase-máxima, um ser que tem poder, inteligência e perfeição moral infinitos. Assim, com base nesse tipo de considerações que são a posteriori, acho que podemos considerar bem justificado acreditar que é possível que um ser maximamente grande exista.

Alguma interação ou pergunta sobre essas considerações? Sim. Vamos aceitar perguntas aqui assim que pegarmos o microfone.

Discussão das considerações adicionais

Estudante: A única hesitação que tenho com o uso dos outros argumentos para a existência de Deus junto com o argumento ontológico é que sinto que isso torna o argumento ontológico redundante. Sempre gostei que ele se mantivesse por si só. Mesmo quando trago isso a alguns amigos ateus, eles apontam a mesma coisa. Eles apenas dizem: "Para que você precisa do argumento ontológico nesse ponto?"

Dr. Craig: Esse é o próximo ponto que vou abordar. Então, deixe-me segurar essa pergunta. Eu vou chegar a isso. Mas não se esqueça de que ainda temos a justificativa a priori para a premissa chave. Esses argumentos a posteriori confirmam isso ou são uma segunda linha de defesa, mas não é como se o argumento ontológico dependesse inteiramente dessas considerações a posteriori.

Estudante: Eu estava curioso sobre o aspecto moral do que você estava falando... Você usou o exemplo dos números para dizer que eles existem independentemente de qualquer pessoa essencialmente. Sua existência depende de um ser maximamente grande. E quanto às virtudes morais, como coragem, honestidade ou integridade? Você poderia dizer que elas também existem independentemente de qualquer pessoa individual. Isso poderia, de certo modo, fortalecer o argumento também? Até que ponto isso se relaciona?

Dr. Craig: Sim, isso é o que eu estava tentando dizer. Acho que você capturou corretamente o que eu estava tentando dizer. Imagine um mundo em que nenhum ser humano exista. O princípio moral "É errado torturar uma criança por diversão" ainda seria verdadeiro nesse mundo. Esse princípio não depende, para sua verdade, de nenhuma criança existente de fato.

Ou imagine um mundo em que existem crianças, mas nenhuma é realmente torturada. Esse princípio moral ainda seria verdadeiro nesse mundo: é errado torturar uma criança por diversão. Plausivelmente, como você disse, esses princípios morais são verdadeiros independentemente de qualquer pessoa existir ou de essas ações realmente ocorrerem. Portanto, eles precisam de um fundamento que seja metafisicamente necessário — que exista em todos os mundos possíveis.

Estudante: Bom dia, Doutor Craig.

Dr. Craig: Bom dia.

Estudante: Quando você disse que um ser metafisicamente necessário é mais simples do que qualquer outra explicação... ...ou menos ad hoc, acho que você disse... E quanto às pessoas que postulam explicações físicas para o universo, como as hipóteses de multiverso? Elas às vezes consideram essas explicações mais simples do que recorrer ao metafísico, permanecendo no físico.

Dr. Craig: O que você está fazendo aí é recorrendo novamente a esses argumentos, e eu preferiria não voltar e revisitar esses argumentos mais uma vez. Olhe para a nossa discussão anterior, onde interajo com hipóteses de multiverso como uma possível explicação para a origem do universo. O que eu quero fazer aqui é simplesmente dizer: vamos supor que você esteja convencido de que esses argumentos são bons. Já os defendemos. Suponha que você concorde comigo que esses três (ou pelo menos dois dos três) são bons argumentos. Esses argumentos dariam suporte a posteriori ao argumento ontológico? É isso que estou dizendo aqui agora. Novamente, seria desviar demais do assunto voltar e revisar os argumentos mais uma vez.

Olhe para a discussão desses. O que quero destacar aqui é a extraordinária convergência, eu acho, das conclusões desses argumentos com a premissa chave do argumento ontológico.

Petição de princípio e caso cumulativo

Certo. Agora, a questão que surge neste ponto é a que acabamos de tocar. O argumento ontológico não se torna agora uma petição de princípio? O que significa dizer que um argumento é uma petição de princípio? Significa que sua única razão para aceitar uma premissa no argumento é que você já acredita na conclusão. Você aceita a premissa porque já acredita que a conclusão é verdadeira. Então você está cometendo uma petição de princípio ou argumentando em círculo. Deixe-me dar um exemplo. Considere este como um argumento para a existência de Deus. 1. Ou Deus existe ou a lua é feita de queijo verde. 2. A lua não é feita de queijo verde.

3. Portanto, Deus existe. Este é um argumento sólido para a existência de Deus. Ambas as premissas são verdadeiras. Como Deus existe, é verdade que ou Deus existe ou a lua é feita de queijo verde. Para que essa disjunção seja verdadeira, um dos membros da disjunção deve ser verdadeiro. Como Deus existe, é verdade que ou Deus existe ou a lua é feita de queijo verde. A segunda premissa é verdadeira, a lua não é feita de queijo verde. Portanto, Deus existe. Então este é um argumento logicamente válido com premissas verdadeiras que implicam a existência de Deus. No entanto, ninguém consideraria isso um bom exemplo de teologia natural.

Por quê? Porque a única razão pela qual você pensaria que a primeira premissa é verdadeira (que ou Deus existe ou a lua é feita de queijo verde) é porque você já acredita na conclusão do argumento, ou seja, que Deus existe. Então você está argumentando em círculo. Você está cometendo uma petição de princípio. Agora, a questão é: se a razão pela qual você acha que é possível que um ser maximamente grande exista é porque você acredita que um ser maximamente grande realmente existe, então você não estaria, da mesma forma, cometendo uma petição de princípio? Se, com base nos argumentos Leibniziano, moral e conceitualista para a existência de Deus, você chega a acreditar que um ser maximamente grande existe, então é claro que é possível que ele exista.

Você já provou que ele realmente existe! Portanto, o argumento ontológico não se torna, então, uma petição de princípio ou redundante? Acho que essa dúvida pode resultar de uma compreensão muito linear da teologia natural. Não devemos pensar nos argumentos da teologia natural como elos de uma corrente onde a corrente é tão forte quanto o elo mais fraco. Então, se o elo fraco se quebra, toda a corrente se rompe e se torna incapaz de suportar o peso que você quer que ela suporte. Não devemos pensar nos argumentos da teologia natural de forma tão linear, como elos de uma corrente que é tão forte quanto o elo mais fraco.

Em vez disso, os argumentos da teologia natural são mais bem comparados a uma cota de malha como a que um cavaleiro costumava usar, onde os elos se reforçam mutuamente de modo que a cota de malha não é tão fraca quanto o elo mais fraco. E, nesse caso, o argumento ontológico pode desempenhar, eu acho, um papel importante em um caso cumulativo para a existência de Deus, no qual um conjunto inteiro de fatores independentes nos levam à conclusão geral: "portanto, Deus existe." Se isso estiver correto, então Anselmo estava errado ao pensar que havia descoberto um argumento único que, por si só, provaria a existência de Deus em toda a sua grandeza.

Não acho que o argumento ontológico teria sucesso dessa forma. Mas parece-me que o argumento ontológico tem um papel a desempenhar como um dos elos na cota de malha, um dos argumentos em um caso cumulativo para a existência de Deus. Assim, os argumentos tomados juntos mostram que Deus, um ser maximamente grande, de fato existe. Algum comentário sobre essa forma de entender o argumento ontológico, de modo a apreciar seu papel e valor?

Discussão: experiência religiosa e necessidade

Estudante: Apenas uma observação sobre isso. Parece que esses argumentos de teologia natural seriam interrogativos por natureza. Você sai dessa questão de petição de princípio ou circularidade. Por que eu acho que tenho o conceito de um Deus que é onipotente? Por que eu tenho uma experiência de salvação, por que teríamos tais experiências?

Dr. Craig: Parece-me que o que você está dizendo, corrija-me se eu estiver errado, outro elo na cota de malha poderia ser a experiência religiosa. A experiência religiosa pode ser um dos elos nessa cota de malha, levando à conclusão de que Deus existe. E acho que isso seria certamente justificável. Existem muitos outros argumentos para a existência de Deus que não examinamos nesta aula. Estou participando de um livro dedicado a Alvin Plantinga, que se baseia em um ensaio que Plantinga escreveu em 1982, chamado "Duas dúzias ou mais de argumentos para a existência de Deus." O pessoal da Universidade Baylor decidiu fazer um

volume em homenagem a Alvin Plantinga, atribuindo cada um desses "duas dúzias ou mais" argumentos a um filósofo contemporâneo para escrever um capítulo sobre onde esse argumento está hoje.

E me foi atribuído o argumento cosmológico kalam, como você pode imaginar. Grande surpresa! Mas pense nisso, duas dúzias ou mais de argumentos na cota de malha de Plantinga apoiando o teísmo. Vimos apenas alguns. Certamente, isso poderia ser parte.

Estudante: Eu estava pensando que poderíamos enquadrar esses tipos de argumentos como ontológicos, experiência pessoal, coisas propriamente básicas, como questões sobre por que temos a dimensão para fazer tal pergunta retoricamente em vez de dizer "Estou usando isso como dado."

Dr. Craig: Certo. Não se esqueça do que dissemos bem no início: acho que é perfeitamente defensável dizer que você não precisa de argumentos para saber que Deus existe, que isso pode ser uma crença propriamente básica da mesma forma que minha crença na realidade do mundo ao meu redor é propriamente básica, ou minha crença de que existem outras mentes além da minha é uma crença propriamente básica, não fundamentada em argumento.

Estudante: Eu já vi esse tipo de ligação.

Dr. Craig: Pode falar diretamente.

Estudante: estou falando... Eu já vi esse tipo de ligação em muitos tipos diferentes de interações, onde se você fala sobre o argumento ontológico, isso leva ao argumento da contingência ou algo do tipo. Eu também já vi o argumento moral saltar para o argumento do desejo. Sempre parece haver algo que acaba levando a outra coisa, com as pessoas fazendo perguntas que levam a algo mais. Ou o argumento cosmológico levando ao argumento do design. Minha pergunta sobre o argumento ontológico, porque você disse semana passada que, da forma como Plantinga o apresenta, ele representa Deus como um ser necessário, eu estava curioso se isso acaba sendo uma fusão com o argumento da contingência.

Isso não diz, basicamente, que Deus é necessário sem precisar...?

Dr. Craig: Todos os três argumentos que mencionei hoje, contingência, moral, conceitualista, levam a um ser metafisicamente necessário. Portanto, isso não é apenas uma característica do argumento ontológico ou mesmo do argumento de Leibniz. Vários dos argumentos para a existência de Deus conduzem não apenas à existência de Deus no mundo real, mas à existência necessária de Deus. Na verdade, acho que é possível argumentar que até mesmo o argumento cosmológico kalam poderia conduzir à existência de um ser metafisicamente necessário, já que seria metafisicamente impossível que o mundo fosse infinito no passado, eterno no passado, e metafisicamente impossível que algo viesse do nada. Portanto, em todos os mundos possíveis haveria necessidade de uma causa para a origem do universo.

Não insisti nesse ponto, mas acho que é defensável, certo?

Estudante: Minha pergunta era mais sobre: afirmar que Deus é necessário a priori.

Dr. Craig: Bem, agora isso não está nos limites de um argumento. O argumento Leibniziano não assume isso a priori. Acho que ele oferece um argumento com base em uma explicação, na

natureza da explicação. A única explicação adequada para a existência de seres contingentes é um ser metafisicamente necessário. Então isso ainda é um argumento. É uma inferência. Não é apenas uma suposição. Certo? Alguém mais?

Discussão: história e alcance dos argumentos

Estudante: Acho que os antigos costumavam pensar que se algo existe, então é contingente ou deve ser necessário. No fim das contas, se algo existe, deve haver uma existência necessária que sempre existiu. Se você disser que pode haver mais de um, eles não teriam contato uns com os outros. E então, para essa existência, sempre haverá um ser supremo máximo.

Dr. Craig: Deixe-me dizer algumas coisas. Você certamente está certo ao dizer que os filósofos gregos antigos achavam que existia um ser necessário, mas a forma como eles entendiam a necessidade era diferente da forma como ela é discutida hoje. Para Aristóteles, dizer que algo existe necessariamente basicamente significava que ele existe eternamente e não estava sujeito a ser gerado ou corrompido. Ele simplesmente existiria para sempre. Mas não era o tipo de existência logicamente necessária de que estamos falando hoje. Esse conceito de Deus evoluiu entre os teólogos islâmicos medievais, como al-Faradi e Ibn Sina, e então foi herdado no Ocidente por nossos teólogos medievais de língua latina, como Anselmo e Tomás de Aquino, entre outros.

Essa foi uma compreensão mais profunda e robusta da necessidade do que os antigos tinham. Então, embora seu ponto seja correto, eles entendiam a palavra de forma diferente da maneira como ela passou a ser compreendida.

Estudante: Recentemente li um post de blog que estava falando sobre o argumento ontológico, e o título era muito provocativo. Falava sobre Richard Dawkins andando por aí em seu ônibus que dizia "Deus provavelmente não existe, então relaxe e aproveite a vida." Isso volta ao a priori dizendo "Se Deus provavelmente não existe, então Deus existe." Ele está dizendo que se for possível que Deus exista, então, portanto, Deus existe. Se Richard Dawkins está certo ao dizer que Deus provavelmente não existe, então isso significa que Deus existe.

Dr. Craig: Eu entendo o ponto. Se existe qualquer possibilidade de que Deus exista, então o argumento ontológico segue. Acho que você está fazendo um bom ponto. O ateu precisa sustentar não apenas que Deus não existe. Ele precisa sustentar que é impossível que Deus exista, porque uma vez que você concede a possibilidade, o argumento ontológico segue. Portanto, o ateu está adotando uma posição bastante radical, não apenas que não há Deus, mas que é impossível que Deus exista. Essa é uma perspectiva útil de se ter em mente. Bem, com o argumento ontológico, concluímos nossa discussão sobre os argumentos da teologia natural. Deixe-me perguntar se há algum comentário final que alguém gostaria de fazer sobre esta seção do curso que, eu acho, é tão crítica para estabelecer a coerência de uma cosmovisão cristã em uma sociedade secular, ou seja, que Deus existe.

Examinamos a basicidade apropriada da crença na existência de Deus, analisamos o argumento da contingência, o argumento cosmológico, o argumento do ajuste fino, o argumento moral, e o argumento ontológico para a existência de Deus. Esses argumentos não nos dão simplesmente a existência de um ser vagamente caracterizado, que poderia ser o Monstro de Espaguete Voador. Eles nos dão um ser dotado de atributos específicos, como perfeição moral,

onipotência, onisciência, necessidade metafísica, e assim por diante. Alguma pergunta final sobre esses argumentos da teologia natural?

Estudante: Você conhece algum filósofo da religião não teísta proeminente que aceite que, se Deus possivelmente existe, então ele deve existir?

Dr. Craig: Sim, na verdade, conheço. Um dos proponentes mais famosos do argumento ontológico é o grande (e até lendário) matemático Kurt Gödel, que desenvolveu o Teorema de Gödel, que você deve ter ouvido falar. Gödel escreveu um ensaio defendendo o argumento ontológico. Havia um cavalheiro na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, quando eu estava fazendo meu doutorado sobre o argumento cosmológico para a existência de Deus. Um dos meus colegas de pós-graduação estava escrevendo sua tese sobre o argumento ontológico. E ele me disse que havia um homem no departamento de filosofia na Universidade de Birmingham que acreditava que o argumento ontológico provava a existência de Deus. Eu perguntei: "Então ele é teísta?" Ele disse: "Bem, nem tanto."

Ele apenas acha que, como argumento, este é um argumento sólido. Se tem ou não alguma importância religiosa, isso é irrelevante para ele." ...

Estudante: Então pode haver um elemento psicológico nesse caso?

Dr. Craig: Eu não poderia julgar. Mas o que estou dizendo é que houve filósofos que acreditam que o argumento é sólido, mas podem não encontrar significado religioso nele. Na verdade, algumas pessoas disseram que provavelmente ninguém chegou a acreditar em Deus por meio do argumento ontológico porque ele é tão abstrato. Na verdade, isso é falso porque recebemos e-mails no ReasonableFaith.org, eu já vi, de pessoas que dizem que o argumento ontológico foi o que as convenceu de que Deus existe e as levou a se tornarem teístas. Portanto, até mesmo esse argumento, por mais abstrato e a priori que possa parecer, tem sido usado pelo Senhor para levar pessoas à crença Nele.

Discussão: saber e mostrar

Estudante: Você disse no início desta seção da sua aula, acho que você repetiu isso hoje mais cedo, que a argumentação não é necessária. Acho que você está falando que se pode confiar no testemunho interno do Espírito Santo. Você pode ter essa experiência privada, inacessível para outras pessoas, e acreditar que Deus existe com base nisso, que Deus é propriamente básico. O que você diria à resposta de que sempre que na Escritura há pessoas céticas que são chamadas a acreditar em Deus ou a aceitar a ressurreição de Cristo, elas recebem algumas evidências ou argumentação? Um caso é no Antigo Testamento, em 1 Reis, onde Elias demonstrou o poder de Deus quando o povo estava cético.

Diz-se no início do teste que o povo estava hesitando entre duas opiniões. Depois que ele chamou o fogo dos céus, eles acreditaram.

Dr. Craig: Este é o duelo com os profetas de Baal, certo?

Estudante: Exatamente. Outro exemplo é em Atos 17, no Areópago, onde Paulo confronta pessoas céticas. Em certo ponto, ele diz: "Eu vos dou prova de que este Deus desconhecido que vocês estão procurando existe, porque ele ressuscitou Jesus dos mortos."^[1] Então ele lhes deu evidências. Qual é a sua resposta a isso?

Dr. Craig: Sim, eu faço uma distinção fundamental entre saber que o cristianismo é verdadeiro e mostrar que o cristianismo é verdadeiro. Podemos saber que o cristianismo é verdadeiro de uma forma propriamente básica, por meio do testemunho interno do Espírito Santo. Mas quando se trata de mostrar aos céticos que nossa fé é verdadeira, precisamos apresentar argumentos e evidências apoloéticas. Então Elias não precisou do fogo descendo do céu para convencê-lo de que Yahweh é o verdadeiro Deus. Ele já estava convencido. Ele sabia que Deus existe. Mas para mostrar ao povo e demonstrar a impostura dos profetas de Baal, ele organizou um duelo no qual haveria argumentos e evidências.

Portanto, parece-me que essa distinção fundamental é muito útil para mostrar o papel adequado de ambos. Tanto a basicidade apropriada, quanto a demonstração, o uso da apoloética. E é assim que eu entenderia isso.

Transição e bênção final

Agora, os argumentos da teologia natural para a existência de Deus são, em certo sentido, apenas um lado da moeda, porque também precisaríamos considerar quais são os argumentos do outro lado, contra a existência de Deus. Talvez existam argumentos tão poderosos para o ateísmo que eles simplesmente superem esses argumentos a favor da existência de Deus e inclinem a balança para o outro lado. Portanto, o que queremos abordar a partir da próxima semana serão os argumentos em favor do ateísmo, e, especialmente, o problema do sofrimento e do mal no mundo. Se existe um Deus onipotente e totalmente amoroso, isso não seria incompatível ou improvável diante do sofrimento verdadeiramente horrendo e da dor inocente no mundo?

Como lidaremos com esse problema? Essa será a questão que abordaremos na próxima vez. Vamos encerrar nossa aula com uma bênção final. E agora, que o Deus que é a fonte de todo ser, que é ilimitado em seu poder, infinito em sua inteligência, os equipe com tudo o que é bom e os fortaleça, para que vivamos de modo agradável a ele e sejamos úteis em seu serviço. Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Referências

Alvin Plantinga, *The Nature of Necessity*, Clarendon Library of Logic and Philosophy (Oxford: Clarendon Press, 1974), p. 221.

Michael Ruse, *Darwinism Defended* (London: Addison-Wesley, 1982), p. 275.

Notas editoriais da revisão

[1] Nesta pergunta, o aluno parafraseia Atos 17. A menção a uma prova mediante a ressurreição corresponde a Atos 17.31, cujo foco é o juízo por meio do homem designado por Deus; a fala do aluno foi preservada como paráfrase, sem apresentá-la como redação da NAA.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2016 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-excursus-on-natural-theology/excursus-on-natural-theology-part-26>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-teologia-natural-parte-26/>